

V - UM DIA. UM ADEUS!

Chorava, todos os dias eram assim, depois que ela se fora. Dizia que não, mas era aquela a razão de seus prantos. Uma jovem bela mudara-lhe os juízos.

- Seu nome?

- José. Como todos os zés, sou mais um desgraçado nesta vida, doutor.

José estava sendo interrogado pelo delegado na delegacia que ficava numa rua toda esburacada, empoeirada e, como todas as delegacias da cidade, frágil como uma indefesa criança.

- Seu crime?

- Pensar que estava apaixonado, doutor. E pensar que ela me amava.

O delegado insistia para que José confessasse seu crime. Crime que nem ele mesmo sabia ter cometido. Sua noiva aparecera esfaqueada, 20 facadas ao todo. O corpo estava quase mutilado. Era uma cena indescritível. Um corpo perfeito, desfeito por um ato selvagem. Aquela mulher esbelta, exposta no chão frio e úmido, coberta de vermes. Um local chamou a atenção do delegado. Um dos órgãos estava quase à flor da pele, o coração. Centro de todas as confusões do ser humano. Tão em busca da paz! Por que o coração teria sofrido tantos ferimentos? Ou seria melhor perguntar: Por que os corações teriam sido tão massacrados? Não encontro respostas para tais questões. Ah! Coração, ser tão contraditório!

O que levaria um ser a cometer um ato tão medonho?

- Seu álibi?

- Doutor, os josés como eu não têm álibis. Nós somos tão massacrados pelo preconceito, doutor. Não que eu seja negro, quisera sê-lo, mas o nome, o senhor sabe... Nós somos sofrendores, doutor! Álibi? Poderia dizer que estive em casa, porém nem casa tenho. Cheguei com minha noiva nesta cidade faz poucos dias. Estávamos hospedados num hotel. Nem gosto de falar daquele hotel... O gerente...!

- Seu álibi? E faça-me o favor de responder somente o que lhe for perguntado. Deixe de divagações. Responda somente qual é o seu álibi.

- Acreditar no meu coração, estar apaixonado!

O que é capaz de fazer um ser apaixonado?

Quando chegaram ao hotel, o gerente começou a olhar insistentemente para Maria. Desculpem não tê-la apresentado a vocês, foi o crime. É, o crime está me deixando doido! Maria a princípio não gostava dos galanteios daquele gerente. Um homem rude, frio e cruel. Como sei disso? Ah! Caros leitores. Sou o narrador, conheço a história tintim por tintim. José também percebia aquelas investidas e ficava desconfiado. Um dia, dois dias, uma semana. De tanto ele insistir, Maria começava a se trair. É, o mesmo co-

ração que ama, também trai! Ela já não era carinhosa com José. Os olhares trocados, o gerente a lhe assediar, a confusão de amores, tudo isto fazia Maria ficar cada vez mais longe de José e, às vezes, mais perto. Tudo isto fazia o amor de José aumentar. Só se percebe que se ama, quando se está perdendo quem se ama!

Daquela semana em diante, José vivia se metendo em intrigas com o gerente do hotel que mesmo sendo cruel, era respeitado. José tinha seus respeitos, mas não era gerente nem nada. Era somente um simples servidor público em férias, gastando seus últimos trocados com sua amada. As brigas serviam para aumentar a indecisão de Maria que se via uma deusa, disputada por dois reis. Porém aquelas discussões também se voltavam para ela que todos os dias apanhava dos seus amados.

- O senhor sabe que pode ser preso e condenado por seu crime se o senhor não for mais claro com suas respostas?

- Doutor, meu único crime foi ter amado. Eu a adorava, não teria coragem de matá-la. Porém aquele gerente sim, ele teria coragem de cometer um ato tão selvagem com qualquer pessoa. Ele seria capaz de tudo. Eu não a matei, nem mesmo no meu coração eu faria isto. Não a mataria, doutor, pode ter certeza disto. Ele a mataria. Perguntem a ele.

- Nós não sabemos de nada que possa incriminá-lo. Ele é uma pessoa decente, um gerente. No dia do crime, todas as pessoas que foram interrogadas dizem que ele estava no hotel, trabalhando e que saíra uns minutos para fazer umas compras, nada mais. O senhor sim, saíra com ela, com o rosto tão estranho. Com um ar pesado e ansioso.

- Doutor, eu não a matei. Nem no meu coração teria coragem de matá-la.

- Todas as suspeitas levam até o senhor. O senhor é o mais indicado para ser preso. Não podemos prender um inocente. E lembre-se que quando a encontramos, o senhor correu de encontro ao corpo, em prantos lamentava ter feito aquilo. Aquilo o quê? Não sabemos, não conseguimos ouvir. Chorava como uma criança quando pegando aquele coração todo perfurado, xingava-o de ser o culpado de tudo, até mesmo daquela morte. Gritava como um louco o nome de sua amada e em palavrões a xingava. Sorria como um tolo que se satisfaz. Que se livra de um peso na consciência. Lastimava por um dia tê-la conhecido tão linda como a mais linda das deusas, uma afrodite. Bela como uma rosa vermelha desabrochando e agora ter que dar adeus a um corpo, que fora belo, todo desfigurado. E o senhor quer que creiamos na sua inocência, que não fora culpado por aquele ato animalesco, aquela cena grotesca que nos fez assistir. O senhor quer que prendamos um inocente que estava no cumprimento do seu dever, enquanto o senhor consumava suas desconfianças com tamanha atrocidade? Prendam este assassino! Levem esse animal daqui! Ponham-no na jaula, que é o lugar dele!

- Doutor, não matei ninguém. Um homem apaixonado não mataria sua amada, doutor eu a amava, ela me traía! A cabeça não pensava. Só o coração, alvo de tudo isto, pode ser o culpado. Eu não a mataria, doutor. Não, não a mataria!

José fora preso e o gerente do hotel ficara solto. O crime? Ninguém sabe quem o cometeu. O que um coração apaixonado é capaz de fazer?! Eu me pergunto. Vocês acham que José a teria matado? Ele a amava. Quem sabe?

Benedito Sales de Aguiar - aluno do Curso de Letras